Bibliotecas: Casas com Alma[1][2]

Por Ana Luísa Oliveira Ramos

Queria agradecer muito o convite que a DGLB me endereçou, designadamente à Dra. Margarida Oleiro e à Dra. Maria José Moura. Vejo esta oportunidade como um modo de me por à prova e de poder reflectir sobre questões que, muitas vezes, na corrida veloz do tempo produtivo, me escapam. Esta comunicação será, assim, uma experiência subjectiva e inacabada para equacionar fios que fazem redes que muitas vezes não se vêem. Como o fio de Ariana, mito grego em que Teseu derrota o Minotauro graças ao precioso fio tecido por Ariana. Este fio permitiu a Teseu sair de um intransponível labirinto.

Num tempo tão exigente em termos de timings, de definição de objectivos, de metas e indicadores, de planos e relatórios de actividade, de taxas de execução (designadamente à luz do SIADAP ou da Certificação pela Qualidade), como continuar a trabalhar no terreno da cultura e da educação sem que se dilua o seu lado sedutor, quiçá romântico, de procurar contribuir para o bem-estar intelectual e social das comunidades? Como compatibilizar o lado cada vez mais racional e também economicista da nossa actividade profissional com a esfera do imaterial, do mágico, da fruição pessoal e intransmissível? Será possível criar pontes entre a sustentabilidade económica *e* o desenvolvimento pessoal e social? Na sociedade da informação, da mudança e da inovação e igualmente numa era da exigência e do rigor, colocam-se de certeza nas cúpulas estas questões: Qual os custos das bibliotecas versus benefício para a sociedade? Como se afere se as bibliotecas estão a cumprir as suas metas? Pelo nº de utilizadores? Pela capacidade de atrair novos leitores? Pelo nº de empréstimos domiciliários? Pela relação nº de volume adquiridos por ano e nº de livros lidos? Pelo teor das reclamações? Pelo número de livros perdidos? Como avaliar a exacta medida do alcance que um lançamento de um livro pode ter numa escola, numa biblioteca municipal? Como demonstrar a pertinência da vinda de um autor à biblioteca: Pelo número de participantes na sessão? Pelo número de horas debitado a esse projecto e a correlativa adesão dos participantes? Pela quantidade de referências que esta actividade obteve, designadamente

[1] Esta comunicação é uma homenagem ao meu tio Luís Amaro de Oliveira que, um dia, me deu a conhecer uma casa com alma.
[2] Comunicação proferida no âmbito do 8º Encontro Luso-Espanhol "Bibliotecas Públicas: trabalhando em Rede", que se realizou em Lisboa, na Torre do Tombo, no dia 21 de Maio de 2008

em blogs, sites, jornais, rádios, etc? Dever-se-á efectuar inquéritos de auscultação em cada actividade e assim aferir o grau de satisfação dos utentes, correlacionando o custo-benefício da actividade? Como aferir que o investimento num livro, num pacote de livros, teve repercussão positiva? Pelo número, por exemplo, de consultas no local? A sofreguidão de haver uma medida, um indicador quantitativo para quase tudo, que caracteriza muito a actual sociedade portuguesa, fez-me, também, não estar tão ligada às bibliotecas escolares como em tempos estive, dado que é necessário estar constantemente a prestar contas que justifiquem estes investimentos, pedidos por várias entidades, como a autarquia, o Estado, ou ainda a União Europeia.

Qual será o caminho a percorrer? Acredito firmemente que, nesta balança, há que não menosprezar o objectivo pelo qual nos levou, me levou em particular, a aderir a esta profissão e a este campo altamente interessante de trabalho e que se prende com o incrementar os hábitos de leitura, e mais especificamente os das crianças e dos mais jovens, à luz, por exemplo, do Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas ou do Manifesto das Bibliotecas Escolares. Umberto Eco expressou há muitos anos atrás (27 anos), numa conferência que intitulou "A biblioteca", que o manifesto da Unesco é "uma ideia revolucionária"[3] e terminava a mesma comunicação exclamando "será que vamos conseguir transformar esta utopia [i.e., as bibliotecas públicas] em realidade?[4] Confesso que, pelo menos para mim, mas presumo que também para muitos colegas aqui reunidos, o Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Públicas e a enorme vontade de dar forma à sua 1ª missão, mudaram o percurso da minha vida. Trabalhava numa biblioteca universitária e foi um professor muito motivado e motivante, o Dr. Henrique Barreto Nunes, que leccionava a disciplina de "Leitura Pública", que em grande parte fez com que eu tivesse quebrado os laços físicos e laborais com a biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e me fez enveredar por este domínio, das bibliotecas da rede de leitura pública, num trabalho em estreita relação com a rede de bibliotecas escolares. Não estou, antes pelo contrário, arrependida desse corte porque as inter-relações entre as Bibliotecas Públicas e as Bibliotecas Escolares são um campo de trabalho extremamente fértil.

---

[3] ECO, Umberto – A biblioteca. Lisboa: Difel, 1998, 4ªed.,45
[4] Idem, p. 46

Mais do que redes físicas, o trabalho entre este tipo de estruturas ganha dimensão pela partilha de conhecimento. O conhecimento está intimamente ligado às pessoas, às suas qualificações e à sua preparação para lidar com a informação. Não é suficiente construir espaços e adquirir equipamento/fundo bibliográfico. As bibliotecas carecem de esforço e investimento económico, mas destacam-se pelo desenvolvimento de projectos que nos fazem acreditar que vale a pena apostar na educação e na cultura, e trabalhar no apuramento de competências como a da leitura, das literacias, da imaginação, da criatividade, do diálogo e da solidariedade. Falar em conhecimento é também falar em algo que pressupõe risco, inquietação, pesquisa e interiorização.

Na realidade, o processo científico nasce da tentativa de validar ou rejeitar uma hipótese de trabalho, nasce da tentativa e do erro. E o processo de trabalho? E o processo produtivo? Nasce e desenvolve-se com que intuito?

Parece-me que há pontos comuns entre o processo de investigação científica e o processo de organizar o trabalho no campo da educação e da cultura, mais propriamente no campo das bibliotecas. Com efeito, Raymond Quivy diz-nos que "no início de uma investigação de trabalho, o cenário é quase sempre idêntico. Sabemos vagamente que queremos estudar tal ou tal problema – por exemplo, o desenvolvimento da nossa própria região, o funcionamento de uma empresa, a introdução das novas tecnologias na escola, a emigração ou as actividades de uma associação que frequentamos – mas não sabemos muito bem como abordar a questão. Desejamos que este trabalho seja útil e resulte em propostas concretas, mas temos a sensação de nos perdermos nele ainda antes de o termos realmente começado.[5] Há similitudes entre este inicio do trabalho científico e o nosso dia-a-dia, quando decidimos se devemos abarcar ou não um projecto, de menor ou maior fôlego, como no desenvolvimento de um processo de candidatura para uma biblioteca escolar, ou ainda, num projecto de promoção da leitura, como no lançamento de um livro com o autor Y ou Z, ou num projecto de maior envergadura, como, por exemplo, em Matosinhos, com o jornal Mar de Letras, o programa continuado de desenvolvimento da leitura na EB1 de Gondivai e na EB23 de Leça da Palmeira, a Festa da Poesia ou o LEV – Literatura em

---

[5] QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van - Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1992, p.18

Viagem. Parece-me que sim – que há pontos convergentes. Saber formular um problema, uma questão, é talvez a essência do trabalho. Assim, e se pode haver um momento de "caos inicial", este não deve ser motivo de inquietação, mas antes da noção e da compreensão da complexidade dos fenómenos. Agora, qual é o maior problema: "o problema é sair dele sem demorar demasiado tempo e fazê-lo em nosso proveito. Para o conseguir, vejamos primeiro aquilo que não se deve de forma alguma fazer… mas que infelizmente se faz com frequência: "a fuga para a frente". Raymond Quivy diz que esta pode tomar "várias formas, das quais só iremos abordar as mais frequentes: a gula livresca ou estatística, a passagem às hipóteses e a ênfase que obscurece,[6]

Ao longo da nossa vida profissional, não teremos também lidado com problemas semelhantes? Quando, por exemplo, decidimos convidar um escritor para a biblioteca, podemos, eventualmente, cair em dois vícios – achar que conhecemos a obra o suficiente para não ter de nos preparar nem preparar a nossa comunidade, pois a hipótese da actividade ser bem sucedida é muito elevada; ou cair na tentação oposta, ficar assoberbado com a presença e a obra do nosso autor convidado, e começar a ler avidamente todos os livros que este publicou, todas as entrevistas que este proferiu, todas as palavras, reais ou imaginárias, que disse e dirá....

No meio estará a virtude, porventura. O conhecimento é o motor de projectos, mas os projectos ganham vida envolvendo as pessoas, envolvendo uma equipa, descentralizando tarefas e atribuindo funções específicas aos vários elementos, promovendo o sentido da responsabilidade. Na verdade, as redes de pessoas são fundamentais para que o trabalho produza frutos. Tudo se torna mais fácil quando há espírito de equipa. Senti (sinto) profundamente isso quando estava a trabalhar, de uma forma muito mais intensa do que agora, com os meus colegas professores e coordenadores das bibliotecas escolares de Matosinhos. A sua capacidade de entrega, o seu elevado grau de profissionalismo faz com que se sinta que vale a pena trabalhar e apostar em projectos específicos, feitos à medida das nossas necessidades. Assim se foram criando relações de confiança, de respeito profissional e intelectual, e foram-se desenvolvendo laços, também laços de amizade. O fio invisível da rede fazia com que

---

[6] QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van - Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1992, p19

compreendêssemos que a base era a rede de pessoas. E muitas pessoas nos apoiaram de uma forma excepcional, nomeadamente a DREN, o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares ou o IPLB, actual DGLB. Perceber que não estamos sozinhos e que o nosso esforço é significativo para alunos, pais, professores, auxiliares de acção educativa, técnicos e dirigentes vale 100 horas de intenso trabalho de preparação e elaboração de um projecto.

Ora, o filósofo Sócrates via como sua tarefa ajudar as pessoas a "dar à luz" às ideias, uma vez que o verdadeiro entendimento deveria vir do interior, pois só este poderia levar ao verdadeiro conhecimento[7]. Penso que esta humildade pessoal e intelectual é fundamental para querer continuar a aprender, quer continuar a conhecer, quer continuar a partilhar. É preciso fomentar a liberdade da alma e do espírito. Errando, aprendemos. Problematizando, crescemos. Dialogando, desenvolvemo-nos.

É muito importante que as bibliotecas escolares e a biblioteca municipal desenvolvam uma intensa ginástica com o intuito de aumentar a fluidez comunicacional. É fundamental que se esbatam as barreiras hierárquicas entre ambas, eventualmente solidificadas na dimensão e no tipo de projectos que as bibliotecas desenvolvem, na capacidade financeira de cada uma delas, nas qualificações, nos graus académicos, no estatuto do bibliotecário e na indefinição do estatuto do professor bibliotecário. Há que lutar assim, com potenciais preconceitos, desenvolvendo círculos de trabalho entre o SABE e as Bibliotecas Escolares. É preciso também dar tempo e espaço para que as escolas se envolvam, participem e sintam a pertinência de determinadas actividades com a biblioteca municipal, comprometendo-se com os projectos. É necessário encarar o funcionamento e a missão das bibliotecas como sociedades negociantes, na expressão de François Perroux.

Mas há também outro tipo de questões que me preocupam há muito. Em Matosinhos, há 8 anos atrás, em 2000, havia 11 professores destacados para a mesma quantidade de bibliotecas escolares do primeiro ciclo. Actualmente, pertencem à rede 24 escolas do 1º ciclo, mas o número de professores destacados diminui, só estando actualmente, e apenas, 7 professores como coordenadores das bibliotecas do 1º ciclo. Alguns dos professores que saíram são, a meu ver, perdas tremendas para este

---

[7]Consultar WERNET, Charles – La philosophie grecque. Paria: Payot, 1962 e http://www.geocities.com/philosophiaonline/800x600/pensadores/socrates.htm

projecto. Punham tudo de si na dinamização do projecto das bibliotecas e possuíam uma sabedoria, feita de anos de trabalho com a comunidade e de formação facultada pela Rede de Bibliotecas Escolares. As suas saídas traduzem-se, em meu entender, num enorme desperdício. Vive-se também, e é do conhecimento de todos, um clima de grande instabilidade nas escolas públicas e vários dos professores que saíram fizeram-no não por não acreditar neste projecto, ou por se sentirem desmotivados, mas sim por causa da insegurança que o Sistema Educativo atravessa e da incerteza que a condição de coordenador da biblioteca escolar emite. Por outro lado, o facto dos professores apoiarem mais do que 1 escola, nalguns casos com centenas de alunos, provoca uma descontinuidade no trabalho, com prejuízo sobretudo para os alunos. Isto é, se a partilha de recursos tem aspectos positivos, é necessário também enfrentar a menor atractividade das bibliotecas escolares perante a assoberbada tarefa que lhes é exigida. Não é fácil repartir escolas, espaços, tempos, professores, alunos. E as redes demoram a se solidificar. É assumido actualmente que são necessários 3 anos para que se possa sentir e ver o trabalho de uma rede. É preciso tempo também para que a escola compreenda o trabalho que o professor bibliotecário desempenha e a mais-valia que produz para a comunidade escolar. Com efeito, "Usar a biblioteca [pode ser] uma arte por vezes subtil" [8]. E é fundamental que o professor ou o bibliotecário tenham margem de acção que lhes permita apurar projectos e que possam presentear os seus leitores com actividades pertinentes. Na biblioteca Municipal Florbela Espanca desenvolvemos, por exemplo, há vários anos, projectos editoriais com as escolas integradas na Rede de Bibliotecas Escolares, que têm por finalidade dar a provar aos outros o tipo de acções e o tipo de potencialidades que a biblioteca desempenha. Estou a falar, designadamente, da brochura: A biblioteca na escola, do Jornal: Mar de Letras, do livro Dois Amigos na Biblioteca e, mais recentemente, do Guia do Catálogo do Pequeno Utilizador, que é um guia de apoio ao site biblioteca (ver em http://bmfe.cm-matosinhos.pt) onde existe um link para o catálogo do pequeno utilizador. Este trabalho foi realizado por uma pequena equipa da biblioteca. A parte da indexação e estruturação do catálogo do pequeno utilizador esteve a cargo do bibliotecário Miguel Figueiredo. O trabalho de ilustração, excelente, é de uma técnica profissional da Biblioteca, a Maria Cerveira, que, de ano para ano, tem revelado ser uma primorosa ilustradora. E a parte da digitalização foi efectuada pelo técnico do sector multimédia, o Daniel Mateus. A apresentação pública

[8] ECO, Umberto – A biblioteca. Lisboa: Difel, 1998, 4ªed., p. 40

do mesmo foi realizada este ano, no dia 2 de Abril, e este trabalho foi divulgado e discutido com os professores da Rede de Bibliotecas Escolares, numa das reuniões do SABE). Através destas publicações, que são fruto de uma intensíssima colaboração com as escolas, pensámos que estamos a contribuir para melhorar a qualidade do serviço prestado nas bibliotecas e, por outro lado, a materializar as orientações da IFLA para os serviços de bibliotecas para crianças e jovens. A construção destes livros, jornais, revistas, etc. é útil enquanto instrumento de trabalho e como demonstração de que é possível criar e elaborar obras com as gerações mais novas, divulgando também as múltiplas oportunidades que as bibliotecas conferem. Todo esse processo produtivo é assaz gratificante. Trata-se inquestionavelmente da criação e desenvolvimento de elos de ligação, de afectos entre alunos e coordenador, entre a escola e a biblioteca municipal. O que está aqui em causa, em nosso entender, é uma outra forma de produção de sentido, de encarar outras inteligibilidades. O direito a terem uma palavra, o direito de se exprimir. A biblioteca escolar e a biblioteca pública representam, assim, um desafio de cidadania dentro da própria escola e um desafio à própria sociedade. A biblioteca escolar representa, também por isso, uma fonte inesgotável de vida para as bibliotecas públicas municipais.

Ora, tenho também cada vez mais consciência que esta rede de relações pessoais é fundamental para as bibliotecas públicas com outros agentes, designadamente com os produtores culturais, com os autores e com os editores. Falamos todos a mesma língua. E o que importa é que nos conheçamos e nos deixemos conhecer. E fundamental dar e receber. Receber e dar.

Penso ainda que devemos dar o benefício da dúvida, mesmo àqueles que desconhecemos e que nos apresentam uma ideia ou um projecto. Devemos depois trabalhar com método e disciplina para que essa actividade seja viável. E não podemos cair na arrogância de achar que já sabemos tudo e de não dar a possibilidade ao outro, aos outros, de se exprimirem e de se afirmarem.

Deste modo, tem que haver constantes recomeços, porque as culturas e as identidades culturais são processos dinâmicos e plurais. Temos sempre que encarar outras formas de produção de sentido e de encarar outras inteligibilidades. É fundamental considerar os movimentos de vaivém entre o sujeito, com a sua experiência cognitiva e o objecto, como horizonte de informação. É assim importante

deslocarmo-nos em termos espaciais, temporais e simbólicos e ir à procura do outro, dos outros, das pessoas. Sair das redomas e ir ao encontro de outras realidades, de outras culturas. Mas é preciso tentar, errando e acertando, agilizando estratégias, correndo riscos, encontrando caminhos e novas formas de comunicação. Saímos, assim, todos os dias cansados por nunca termos certezas de nada, porque o trabalho nunca mais acaba e as tarefas são hérculas mas, ao mesmo tempo, orgulhosos por estarmos a experimentar algo, com muitas pessoas. Não temos fórmulas, apenas projectos. Sabemos que este tipo de trabalho, de promoção do livro e da leitura, passa por envolver pessoas, respeitando os seus contextos, as suas formas de trabalho e os seus modos de ver o mundo.

Mas se as nossas bibliotecas se tornam ou se vão afirmando como lugares tão significativos para as nossas vidas, não serão as "nossas" bibliotecas verdadeiramente as "nossas" casas, quer as consideremos as nossas 1ªas, 2ªas ou 3ªas casas, as casas onde talvez moremos?

Penso que as bibliotecas podem ser consideradas casas com alma, casas que podem marcar os percursos de uma só vida. Os livros que constituem estas nossas casas podem-nos dar assombro e paz. E é essa também a prodigiosa maravilha que as bibliotecas encerram. Poder ser e constituir um motor para que as pessoas se procurem e se encontrem. Nascendo renascendo morrendo nas palavras e as transformando em matéria-prima pessoal. Falar das bibliotecas enquanto casas é falar de histórias e de percursos. É falar de palavras memoráveis. É falar de espaços de luz. É pensar em oferecer hospitalidade e promover a mobilidade de quem a frequenta. É sentir que, com os livros e outros documentos que as nossas bibliotecas albergam, podem "partir de nós dentro todos os caminhos"[9]

Termino com um fragmento de um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, intitulado a Casa de Deus:

Aqui procuramos pensar reconhecer
sem máscara ilusão ou disfarce
E procuramos manter nosso espírito atento
liso como a página em branco

[9] BELO, Ruy – O problema da habitação. Lisboa: Morais, 1962, p. 15

Se Umberto Eco se interrogava se a utopia do Manifesto da Unesco, se a utopia das bibliotecas públicas, se tornaria realidade, penso que a resposta é afirmativa e que sim, que Portugal se pode orgulhar, através da Rede de Leitura Pública e da Rede de Bibliotecas Escolares, de estar a povoar o país com bibliotecas e projectos altamente significativos, pequenos, médios, grandes, não interessa o tamanho, interessa que as bibliotecas, como casas d'alma, povoem os corações e as mentes de cada vez mais pessoas, contribuindo para uma melhor sociedade.